

## Os *innumerabilia officia* de Marco Túlio Tirão

Emília M. Rocha de Oliveira (FCT - SFRH / BPD / 40438 / 2007)

As origens de Marco Túlio Tirão, o mais conhecido de todos os libertos de Cícero, não são inteiramente conhecidas<sup>1</sup>. As manifestações de afecto dos *Cicerones* e de Ático por este homem veiculadas pelas cartas trocadas em finais da década de 50 a.C.<sup>2</sup> sugerem que ele fazia parte da *familia* há um tempo considerável e levam autores como Gastón Boissier<sup>3</sup> e Groebe<sup>4</sup>, por exemplo, a sugerirem que ele seria um *uerna*, isto é, um escravo nascido na casa do seu senhor<sup>5</sup>. Aulo Gélio, por sua vez, refere a educação cuidada que ele recebeu<sup>6</sup> e descreve-o como *M. Ciceronis alumnus*<sup>7</sup>, deixando antever que o seu senhor o preparou e educou com muito esmero<sup>8</sup>. Esta designação (*alumnus*), porém, no contexto em que se insere, parece significar ‘pupilo’, não uma criança que Cícero teria criado em sua casa<sup>9</sup>, pelo que as dúvidas persistem; não se sabe se Tirão teria nascido em casa do seu senhor, se

---

<sup>1</sup> Vide TREGGIARI (1969) 11, onde se discute esta questão. Veja-se, ainda, o nosso trabalho, OLIVEIRA (2006), em especial, o capítulo sexto da terceira parte (pp. 481-511), onde se traça o percurso deste liberto e do qual o presente estudo é, em grande parte, devedor.

<sup>2</sup> Todas as datas que venham a ser referidas de ora em diante deverão ser entendidas como anteriores à era de Cristo (a.C.).

<sup>3</sup> Cf. BOISSIER (1895, trad. 1986) 67 sq.: “Su nombre es latino, lo que hace sospechar que era uno de aquellos esclavos nacidos en la casa del amo (*uernae*), a quienes se consideraba como de la familia, mucho más que a los otros, porque nunca se habían separado de ella.”

<sup>4</sup> Cf. *RE* 7 A. 2.1319.

<sup>5</sup> Sobre o estatuto dos *uernae* na família romana, vide RAWSON (1986) 186 sqq..

<sup>6</sup> Cf. *Gel.* 6.3.8.

<sup>7</sup> Cf. *Gel.* 13.9.1.

<sup>8</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 260 sq., onde são referidas algumas das hipóteses que aqui apresentamos.

<sup>9</sup> Segundo BRADLEY (1991) 10, a família romana podia incluir *alumni*, jovens que não tinham qualquer ligação biológica com o núcleo da familiar, mas que integravam a comunidade familiar.

teria sido uma criança exposta que Cícero recolheu, ou, simplesmente, se teria sido comprado como escravo (*seruus*)<sup>10</sup>.

Sabe-se, no entanto, que era o secretário pessoal do epistológrafo e que este lhe concedeu a *manumissio* como recompensa pelos bons serviços prestados<sup>11</sup> e pela fidelidade demonstrada para com a família, mas, também, porque nutria por ele um carinho especial<sup>12</sup>.

A *manumissio* de Tirão terá ocorrido na *uilla* de Fórmias, o mais tardar em 53<sup>13</sup>. Não sabemos se o procedimento teve carácter formal ou informal. Se foi informal, terá sido necessário repetir o acto formalmente, quiçá em Roma, para que Tirão se tornasse — como, de facto, se tornou — portador dos *tria nomina*: *M. Tullius Tiro*<sup>14</sup>.

---

<sup>10</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 11.

<sup>11</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 13: “In practice, it was recognition of individual merit, rather than doubts on the validity of the master-slave relationship, which provided the highest motives for manumission.” De facto, como muito bem recorda a autora, Cícero referia-se à classe dos *libertini* como *sua uirtute fortunam huius ciuitatis consecuti* (*Catil.* 4.16) e o irmão, Quinto Cícero, comentando a *manumissio* de Tirão, teria afirmado que este era bom demais para ser escravo, *indignum illa fortuna* (*Fam.* 16.16.1).

<sup>12</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 15: “The warmer personal feeling (...) was no doubt Cicero’s main motive for freeing Tiro, or at any rate for timing the manumission as he did (...).” Vide BOISSIER (1895, trad. 1986) 68.

<sup>13</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 261. Embora penda para a data do ano 54, a mesma autora admite a possibilidade de a manumissão de Tirão ter ocorrido somente no ano seguinte, como defendem TYRRELL-PURSER (1901-1933) v. 6, 923, ad *Fam.* 16.13. Segundo ela, “the dating depends on finding a year between the manumission of Statius in 59 [referida em *Fam.* 16.16] and the death of Pompey, in which Pompey could have been at Cumae and Q. Cicero separated from Marcus in mid April. Only 54 or 53 qualifies.”

<sup>14</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 261. De acordo com a prática romana, o liberto recebeu o mesmo *praenomen* e o nome da *gens* do seu senhor: “The classical formal manner of naming a freedman, corresponding to ‘M. Tullius M. f. Cicero’ for an *ingenuus*, was of the pattern ‘M. Tullius M. l. Tiro’—‘Marcus Tullius Marci libertus Tiro’. (...) The freedman took a gentile name which was the same as that of his patron or of one of his patrons, or, in the case of a public authority, was derived from ‘publicum’ or from a proper name, as for instance Publicius or Veronius. It was in early times usual for him to take a *praenomen* different from that of his patron, later he normally assumed the same one. When *libertini* regularly used a *cognomen*, it mattered less if all those in one household were Marci Tullii. (...) The *cognomen* adopted was normally the freedman’s old slave name.” (TREGGIARI (1969) 250). A propósito, leia-se ainda RAWSON (1986) 13: “An outward sign of this bond was the family name (the *nomen*) which the freedman derived from his or her ex-master: Tiro, the slave of Marcus Tullius Cicero, became Marcus Tullius Tiro on manumission.

A passagem da condição de escravo à de liberto foi um grande acontecimento para toda a família. De facto, pouco tempo depois da ocorrência, Cícero recebeu uma carta do irmão<sup>15</sup>, que, eufórico com a boa-nova, lhe agradecia e, simultaneamente, o felicitava por ter concedido a alforria ao ex-escravo. Tirão não merecia essa condição:

*De Tirone, mi Marce, (...), ut mihi gratissimum fecisti cum eum indignum illa fortuna ac nobis amicum quam seruum esse maluisti. Mihi crede, tuis et illius litteris perlectis exsilii gaudio, et tibi et ago gratias et gratulor.*

«Relativamente a Tirão, meu querido Marco, (...), fiquei muito feliz com o que fizeste por ele, ao considerá-lo desmerecedor da sua anterior condição e preferires que ele fosse para nós um amigo, em vez de um escravo. Acredita em mim, explodi de alegria assim que li a tua carta e a dele; agradeço-te e felicito-te por isso.»<sup>16</sup>

Quinto, que ainda não havia esquecido a veemência com que o irmão, seis anos antes, havia reprovado a sua decisão de conceder a *manumissio* ao escravo Estácio<sup>17</sup>, evocou a lealdade revelada por ambos os servidores para com os respectivos senhores; Tirão, porém, destacara-se não apenas pela sua lealdade a Cícero<sup>18</sup>, mas também pela sua formação literária, pelas suas qualidades de bom conversador<sup>19</sup>, enfim, pelo facto de ser

---

The family name was the public evidence of freedom and Roman citizenship, and freed persons and their descendants would help to perpetuate the family name.” Aos olhos da lei, um escravo não tinha pai. O nome do patrono adoptado pelo liberto vinha tomar o lugar do nome do pai que, face à lei, ele nunca tivera. Tirão passou a chamar-se *Marcus Tullius Marci libertus Tiro*, isto é, Marco Túlio Tirão, liberto de Marco (Cícero). Ora, o filho de Cícero, perante a lei, chamava-se *Marcus Tullius Marci filius Marci nepos Cornelia (tribu) Cicero*, ou seja, Marco Túlio Cícero, filho de Marco, neto de Marco, da tribo Cornélia (cf. RAWSON (1986) 13).

<sup>15</sup> Quinto encontrava-se na Gália. Cf. CONSTANS (2002) v. 3, 154.

<sup>16</sup> *Fam.* 16.16.1, de finais de Maio ou princípios de Junho de 53. Sempre que citamos as *Epistulae ad Familiares*, usamos a edição de SHACKLETON BAILEY (2001).

<sup>17</sup> CONSTANS (2002) v. 3, 170, nota 1 ad loc. (cf. *Att.* 2.18.4, de Junho de 59; *Att.* 2.19.1, de 7 e 14 de Julho de 59).

<sup>18</sup> Como afirma TREGGIARI (1969) 249, “secretaries, especially the more confidential ones, were often freedmen. Tiro is an obvious example.”

<sup>19</sup> Cícero reconhecia com alguma frequência esta qualidade em Tirão. Cf. e. g. *Fam.* 16.23.2.

um homem culto<sup>20</sup>. Ao reconhecer todas estas qualidades no ex-escravo, Cícero tornou-se motivo de orgulho para o irmão:

*Si enim mihi Stati fidelitas est tantae uoluptati, quanti esse in isto haec eadem bona debent additis litteris et sermonibus humanitateque, quae sunt his ipsis commodis potiora! Amo te omnibus equidem de maximis causis uerum etiam propter hanc, uel quod mihi sic ut debuisti nuntiasti.*

«Se, de facto, a lealdade de Estácio me causa tanta satisfação<sup>21</sup>, como deves ficar contente com estas mesmas qualidades nesse teu liberto, se somarmos a sua educação, o seu modo de se expressar e a sua cultura, que valem mais que aquelas que eu aprecio no meu!<sup>22</sup> Amo-te, sem dúvida, por todo o tipo de boas razões, mas também por esta, e mais ainda por mo-  
teres comunicado de forma tão apropriada.»<sup>23</sup>

Depois de lhe ter sido concedida a liberdade, Tirão continuou a prestar toda a espécie de serviços a Cícero, ao que parece, a tempo inteiro<sup>24</sup>. A correspondência ciceroniana é riquíssima em informação sobre as variadas funções desempenhadas por este versátil liberto que, antes de mais, era o homem de confiança do estadista.

Em Novembro de 50, ansioso por que ele se restabelecesse da doença de que fora acometido, declarou-lhe o seu antigo senhor:

*Innumerabilia tua sunt in me officia, domestica, forensia, urbana, prouincialia, in re priuata, in publica, in studiis, in litteris nostris: omnia uiceris si, ut spero, te ualidum uidero.*

---

<sup>20</sup> A propósito, leiam-se estas palavras de TREGGIARI (1969) 218: “appreciation of a freedman’s culture or talents was often part of a warmer feeling. Q. Cicero, congratulating his brother on the manumission of Tiro (and the fact that it was a matter of congratulation is significant) remarks on his literary talents, as outweighing even the virtue of faithfulness.”

<sup>21</sup> Seis anos antes, Quinto também havia concedido a alforria a este seu escravo. Na altura, Cícero desaprovou a decisão do irmão. Cf. *Att.* 2.18.4; 2.19.1; *Q. fr.* 1.2.3.

<sup>22</sup> Tirão distinguira-se não apenas pela fidelidade com se havia dedicado a Cícero, mas também pela sua formação literária, pelas suas qualidades de bom conversador, enfim, pelo facto de ser um homem culto.

<sup>23</sup> *Fam.* 16.16.2.

<sup>24</sup> TREGGIARI (1969) 261. Cf. RAWSON, 1986, 13: “Freedmen still had certain obligations to their ex-master (now their patron) (...). Some continued to live in their patron’s house, as did Tiro, Cicero’s secretary, after receiving free status.”

«São inúmeros os serviços que me prestas — em casa, no Fórum, em Roma, na minha província, em questões privadas, em assuntos de natureza pública, nos meus estudos e nos meus trabalhos literários. Tê-los-ás superado a todos, se, conforme espero, te voltar a ver restabelecido.»<sup>25</sup>

Na verdade, os seus serviços foram interrompidos apenas durante os períodos em que esteve doente<sup>26</sup>: nos dias que antecederam a sua manumissão<sup>27</sup>, durante a viagem de regresso da Cilícia a casa, iniciada em finais de Outubro de 50<sup>28</sup>, em 47<sup>29</sup> e em 46<sup>30</sup>.

Tirão desempenhava sobretudo funções de secretário pessoal de Cícero<sup>31</sup>. As tarefas decorrentes dessas funções eram variadas<sup>32</sup>. Uma delas consistia em redigir as cartas que o seu patrono lhe ditava. Porque a caligrafia era, naturalmente, diferente da sua, Cícero sentiu, por diversas vezes, necessidade de advertir os destinatários dessas cartas para o facto, como o fez nesta carta dirigida ao irmão:

*Hoc inter cenam Tironi dictavi, ne mirere alia manu esse.*

«Ditei estas linhas a Tirão enquanto jantava, não te admires se a letra é diferente»<sup>33</sup>

Da sua incumbência era igualmente o registo das obras literárias ditadas por Cícero, com recurso a um sistema de taquigrafia que ele próprio inventou<sup>34</sup> e que lhe permitia

---

<sup>25</sup> *Fam.* 16.4.3, de 7 de Novembro de 50.

Cícero refere com alguma frequência a variedade de serviços prestados pelo liberto. Cf. *Fam.* 16.1.2: *De tuis innumerabilibus in me officis...*; *Fam.* 16.6.1: *Ad tua innumerabilia in me officia...*

<sup>26</sup> TREGGIARI (1969) 261. As cartas que Cícero então escreveu ao liberto convalescente revelam preocupação com a saúde dele e ânsia por voltar a reencontrá-lo. Cf. *Fam.* 16.1; 16.2; 16.3; 16.4; 16.5; 16.7; 16.9; 16.10; 16.11; 16.12; 16.13; 16.14; 16.15; 16.17; 16.18; 16.20; 16.22.

<sup>27</sup> Na primavera de 53. Cf. *Fam.* 16.13; 16.14; 16.15; 16.10.

<sup>28</sup> Em Novembro, Cícero viu-se obrigado a prescindir da companhia do liberto, que adoecera no final de Outubro, deixando-o em Patras (cf. *Fam.* 16.9.1). Segundo BAYET (2002) 15, nota 2), Tirão terá ficado doente “aux alentours du 24, si on pouvait craindre une quatrième crise hebdomadaire avant le 13 novembre: cf. *Fam.* XVI, 9, 2-3”. Não se conhece a data exacta em que Cícero e Tirão partiram juntos de Atenas.

<sup>29</sup> Cf. *Fam.* 16.18.1 e 16.20, ambas escritas depois de Outubro de 47.

<sup>30</sup> Cf. *Fam.* 16.22.1, de Julho (?) de 46.

<sup>31</sup> Cf. BOISSIER (1895, trad. 1986) 68.

<sup>32</sup> Sobre as tarefas que aqui evocaremos leia-se TREGGIARI (1969) 261 sq..

<sup>33</sup> *Q. fr.* 3.1.19, de Setembro de 54. Usamos a edição de SHACKLETON BAILEY (2002).

escrever quase tão rapidamente quanto o patrono ditava. Em Julho de 45, ao perguntar a Ático se havia gostado da carta que tinha escrito a Varrão<sup>35</sup>, Cícero confessou ao amigo ter preferido ditá-la a outro secretário, Espíntaro<sup>36</sup>, porque Tirão, com o seu eficaz sistema de taquigrafia, era demasiado rápido para a tarefa:

*Sed, quaeso, epistula mea ad Varronem ualdene tibi placuit? Male mi sit si umquam quicquam tam enitar. Ergo [at ego] ne Tironi quidem ditauī, qui totas περιοχὰς persecui solet, sed Spintharo syllabatim.*

«Mas, pergunto-te, ficaste plenamente agradado com a minha carta a Varrão? Diabos me levem se alguma vez me volto a esforçar tanto em alguma coisa. Por isso nem sequer a ditei a Tirão, que costuma escrever frases inteiras de uma só vez, mas a Espíntaro, sílaba por sílaba.»<sup>37</sup>

Costumava ainda supervisionar o trabalho dos copistas das obras do patrono. Numa carta de meados de 46, Cícero pediu ao secretário que os esclarecesse sobre os passos do

---

<sup>34</sup> Segundo o *Grand Larousse Encyclopédique*, v. 10, 349, também citado por FERREIRA (1999) 105, nota 18, neste sistema taquigráfico, a que se convencionou chamar *notae Tironianae*, ‘notas tironianas’, cada palavra é representada por um carácter composto por elementos tirados do alfabeto latino, que são letras truncadas, modificadas ou ligadas. Uma nota tironiana é composta por dois elementos: um sinal principal, representando o radical, e um sinal auxiliar, a representar a terminação.

As notas tironianas foram utilizadas ao longo de mais de doze séculos. Encontramo-las nos diplomas merovíngios, como sistema taquigráfico. Na época da reforma carolíngia da escrita, foram codificadas e utilizadas correntemente, para desaparecerem dos diplomas somente no século XI.

Voltariam a ser descobertas no século XVI e estudadas por eruditos. Em 1817, o alemão Kopp estabeleceu as bases da sua descodificação. Outros eruditos, como o também alemão Theodor von Sickel e os franceses J. Tardif e J. Havet, vieram completar estes estudos.

Acrescente-se que, segundo Plutarco (*Cat. Mi.* 23.3), a adopção deste sistema taquigráfico no registo dos discursos pronunciados durante as sessões do Senado se ficou a dever a Cícero, que, enquanto cônsul, ensinou aos escribas a utilização das *notae Tironianae*.

<sup>35</sup> Esta carta seria a epístola *Fam.* 9.8, que poderá ter sido publicada com a edição final das *Academica* (cf. SHACKLETON BAILEY (1999) v. 4, nota 4 ad loc.).

<sup>36</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 253.

<sup>37</sup> *Att.* 13.25.3, de 12 de Julho de 45. Sempre que citamos as *Epistulae ad Atticum*, usamos a edição de SHACKLETON BAILEY (1999).

*Laus Catonis*<sup>38</sup> que eventualmente não entendessem, já que ninguém percebia a sua letra tão bem quanto ele:

*Tu istic, si quid librarii mea manu non intellegent, monstrabis.*

«Se os copistas não perceberem algum passo escrito pela minha mão, tu, aí, poderás esclarecê-los.»<sup>39</sup>

O liberto encarregou-se também de guardar cópias das cartas de Cícero, das mais importantes, pelo menos:

*Quod epistulam meam ad Brutum poscis, non habeo eius exemplum; sed tamen saluum est, et ait Tiro te habere oportere (...)*

«Quanto à carta a Bruto que me pedes, não tenho cópia dela; está, no entanto, bem guardada, e diz Tirão que é conveniente que a tenhas (...).»<sup>40</sup>

Em 44, Tirão conseguira reunir perto de setenta cartas. Ático seria detentor de umas quantas outras que, aliadas àquelas, depois de devidamente examinadas e corrigidas, ficariam prontas para serem publicadas:

*Mearum epistularum nulla est συναγωγή; sed habet Tiro instar septuaginta, et quidem sunt a te quaedam summendae. Eas ego oportet perspiciam, corrigam; tum denique edentur.*

«Não existe nenhuma *compilação* das minhas cartas, mas Tirão tem cerca de setenta e terei de pedir-te emprestadas algumas. Convém que as examine e corrija; então, por fim, serão publicadas.»<sup>41</sup>

---

<sup>38</sup> A redacção deste *Elogio de Catão* foi iniciada em Junho, por conselho de Bruto (cf. *Att.* 12.4.2; *Att.* 12.5.2).

<sup>39</sup> *Fam.* 16.22.1, de Julho (?) de 46.

<sup>40</sup> *Att.* 13.6.3, de Junho (?) de 45.

<sup>41</sup> *Att.* 16.5.5, de 9 de Julho de 44.

Cícero autorizou, por conseguinte, ainda em vida, a publicação de uma parte da sua correspondência. Tirão ficou responsável pela concretização desse projecto. Cf. e. g. CONSTANS (2002) v. 1, *Introd.*, 9-13; CARCOPINO (1947) v. 2, 229 sqq..

O liberto conservara igualmente a sua própria correspondência, não apenas no intuito de servir os interesses do *patronus*, mas também por razões de natureza pessoal<sup>42</sup>. Trocou cartas com Ático<sup>43</sup>, Quinto Cícero<sup>44</sup> e o jovem Marco<sup>45</sup>, que lhe pediam notícias de Roma e de Cícero. Reivindicou, por isso, junto do patrono, o direito de organizar em *uolumina* a sua própria correspondência:

*Video quid agas; tuas quoque epistulas uis referri in uolumina.*

«Vejo o que pretendes fazer; queres que as tuas cartas também sejam reunidas em rolos.»<sup>46</sup>

Tirão não era, porém, um simples secretário<sup>47</sup>. Da sua incumbência era, também, ajudar Cícero nos seus trabalhos literários<sup>48</sup>, não apenas na resolução de questões práticas — como a supervisão da publicação de textos<sup>49</sup>, ou a investigação de dados importantes para a composição das obras, como fizera Dionísio<sup>50</sup> por diversas vezes<sup>51</sup> —, mas como

---

<sup>42</sup> De acordo com TREGGIARI (1969) 261.

<sup>43</sup> Cf. *Att.* 5.20.9, de Dezembro de 51, em que Cícero se queixa a Ático de Aléxis não lhe escrever tantas vezes quantas o seu próprio Aléxis — ou seja, Tirão — costumava escrever a Ático; *Att.* 6.7.2, de Julho de 50; *Att.* 12.19.4, de Março de 45; *Att.* 12.48.2, de 17 de Maio.

TREGGIARI (1969) 222 comenta desta forma a troca de cartas pessoais entre Tirão e Ático: “The writing of personal letters may also be taken as proof of friendship between some freedmen and the friends of their patrons. Thus Tiro wrote to Atticus and Cicero wished Alexis, Atticus’ secretary (and presumably freedman) to do the same with him, instead of merely sending greetings.”

<sup>44</sup> Cf. *Q. fr.* 3.1.10, de Setembro de 54, em que Cícero alude a uma carta que Tirão enviaria a Quinto, para o informar dos últimos acontecimentos políticos. As cartas *Fam.* 16.1 e 16.3-6 (de Novembro de 50) foram enviadas a Tirão pelos quatro *Cicerones*. As cartas *Fam.* 16.26-27 (a primeira, de data incerta, e a segunda, de Dezembro de 44) e *Fam.* 16.8 (de Janeiro de 49 (?)) foram escritas somente por Quinto Cícero.

<sup>45</sup> Cf. *Fam.* 16.21, de Agosto (?) de 44, e 16.25, do Outono de 44, ambas escritas por Marco a Tirão.

<sup>46</sup> *Fam.* 16.17.1. Segundo alguns autores, este passo não esclarece suficientemente se Tirão tinha intenção de organizar uma colectânea das suas próprias cartas ou se pretendia inserir as suas cartas numa colectânea de *epistulae* ciceronianas. Cf. CUGUSI (1983) 172.

<sup>47</sup> Vide TREGGIARI (1969) 262.

<sup>48</sup> Cf. *Gel.* 6.3.8.

<sup>49</sup> Cf. *Fam.* 16.17.1; 16.22.1.

<sup>50</sup> M. Pompónio Dionísio, liberto de Ático e protegido de Cícero, tutor dos jovens *Cicerones* em 50-51. Recebeu o *praenomen Marcus* em homenagem a Cícero. Cf. TREGGIARI (1969) 254.



fonte inspiradora do patrono<sup>52</sup>. Na ausência do liberto, Cícero dizia sentir-se incapaz de ler a Ático os escritos que com aquele havia composto e que somente as cartas que dele ia recebendo ajudavam a colmatar a falta que lhe fazia. Tirão deveria pôr-se bom rapidamente, para voltar a ser fonte de inspiração literária:

*Litterulae meae siue nostrae tui desiderio oblanguerunt; hac tamen epistula quam Acastus attulit oculos paulum sustulerunt. Pomponius erat apud me cum haec scribebam, hilare et libenter. Ei cupiendi audire nostra dixi sine te omnia mea muta esse. Tu Musis nostris para ut operas reddas.*

«Os meus trabalhos literários, ou, melhor, os nossos, adormeceram com saudades tuas, mas, com esta carta que Acasto trouxe, abriram um pouco os olhos. Pompônio estava comigo enquanto eu escrevia esta carta, alegre e bem-disposto. Queria ouvir os nossos escritos, mas eu disse-lhe que, sem ti, todas as minhas composições permaneciam silenciosas. Prepara-te para voltares a servir as nossas Musas.»<sup>53</sup>

Cícero também recorria aos serviços de Tirão para resolver questões de natureza financeira<sup>54</sup>, sobretudo depois da perda de Filótimo<sup>55</sup>. O liberto actuava em colaboração com Ático e Eros<sup>56</sup>. A pedido de Cícero, e na sequência do seu divórcio, a devolução do dote de Terência ficou a cargo do amigo, que ia dando a Tirão as instruções necessárias sobre os procedimentos a adoptar:

*Quod ad Tironem de Terentia scribis, obsecro te, mi Attice, suscipe totum negotium.*

«Em relação ao que escreveste a Tirão sobre Terência, peço-te, meu caro Ático, encarrega-te de toda a questão.»<sup>57</sup>

---

<sup>51</sup> Cf. *Att.* 6.2.3; 7.3.10.

<sup>52</sup> TREGGIARI (1969) 262.

<sup>53</sup> *Fam.* 16.10.2, de 17 de Abril de 53. Cf. *Fam.* 16.14.1-2.

<sup>54</sup> Vide TREGGIARI (1969) loc. cit..

<sup>55</sup> Terêncio Filótimo, liberto de Terência (a esposa de Cícero), trabalhou para ele pelo menos entre os anos 59 e 47. Cf. TREGGIARI (1969) 253.

<sup>56</sup> Escravo ou liberto de Ático, que desempenhava, para Cícero, as funções de *ratiocinator*. TREGGIARI (1969) 253.

<sup>57</sup> *Att.* 12.19.4, de 14 de Março de 45. Cf. *Att.* 16.15.5, de finais de 44.

Tirão encarregava-se de transmitir a Cícero o que Ático julgava ser melhor para as finanças do amigo. Em Maio de 45, por exemplo, disse-lhe que Pompônio havia sugerido que, por uma questão de dignidade pessoal, saldasse a sua dívida para com Cerélia<sup>58</sup>:

*De Caerellia quid tibi placeret Tiro mihi narrauit: debere non esse dignitatis meae, perscriptionem tibi placere.*

«Quanto a Cerélia, Tirão contou-me o que consideras melhor: que estar endividado não é próprio da minha dignidade e que defendes o pagamento da dívida.»<sup>59</sup>

Em Junho de 44, em vésperas de viajar para Atenas<sup>60</sup>, o epistológrafo queixou-se a Ático da má gestão financeira de Eros, que estava até a pôr em risco a sua partida. O último balanço feito às suas contas havia revelado um saldo positivo. Mais tarde, porém, Cícero, veio a descobrir que teria, afinal, de fazer um empréstimo; pensava que os seus rendimentos tinham sido postos de parte para a construção de um *fanum* em honra de Túlia, mas ao que parece, tal não havia acontecido:

*Profectionem meam, ut, uideo, Erotis dispensatio impedit. Nam cum ex reliquis quae Non. Apr. fecit abundare debeam, cogor mutuari, quodque ex istis fructuosis rebus receptum est, id ego ad illud fanum sepositum putabam. Sed haec Tironi mandaui, quem ob eam causam Romam misi; te nolui impeditum impedire.*

«A gestão de Eros, pelo que vejo, complica a minha partida. Na verdade, devendo ter de sobra segundo o balanço que fez no dia 5 de Abril, vejo-me obrigado a pedir emprestado; e eu que pensava que os lucros dessas frutíferas operações tinham sido postos de parte para

---

<sup>58</sup> Cerélia era uma mulher rica e culta que partilhava com Cícero interesses de natureza literária (cf. *Fam.* 13.72; *Att.* 13.21.a2). Cf. BEAUJEU (1980-1996) v. 7, nota a ad *Fam.* 13.72.1; v. 8, 248, nota 1 ad 129.

Apesar do conselho de Ático, Cícero preferia suspender a liquidação da dívida, pelo menos até ter a certeza de que Fabério e Mecião pretendiam saldar as que mantinham para com ele. Cícero precisava muito do dinheiro para poder comprar uns *horti* dignos da construção de um *fanum* em honra da filha, que entretanto havia falecido.

<sup>59</sup> *Att.* 12.51.3, de 20 de Maio de 45.

<sup>60</sup> Cícero pretendia ir ao encontro do filho, que estudava em Atenas. Partiu de Pompeios no dia 17 de Julho de 44 (*Att.* 16.3.6). Por motivos políticos, acabou, no entanto, por renunciar à viagem à Grécia e regressar a Roma, para seguir de perto o curso dos acontecimentos (*Att.* 16.7.1; *Fam.* 7.19).

aquele templo. Mas encarreguei Tirão destas coisas, a quem mandei a Roma por este motivo; não quis complicar-te a vida, complicada que já está.»<sup>61</sup>

Tirão cumpriu plenamente a tarefa de que fora incumbido. A Cícero, restava apenas ouvir as explicações de Eros:

*Erotis rationes et ex Tirone cognoui et uocaui ipsum.*

«Tomei conhecimento das contas de Eros através de Tirão e convoquei o próprio.»<sup>62</sup>

Apesar de ter informado Ático das questões que precisava de ver resolvidas antes de partir para Atenas, decidiu, no dia seguinte, enviar Tirão ao encontro do amigo, para que o liberto pudesse colaborar na resolução das mesmas:

*(...) Tironem statui ad te esse mittendum, ut iis negotiis quae agerentur interesse<t>(…).*

«(...) decidi mandar-te Tirão, para que participe nas operações em marcha (...)»<sup>63</sup>

No final de 44, e na ausência do patrono, o ex-escravo continuou a assumir a gestão das finanças de Cícero. Deslocava-se, por isso, constantemente, a Roma. Ofílio<sup>64</sup> e

---

<sup>61</sup> *Att.* 15.15.4, de 13 (?) de Junho de 44.

Cícero encarregou Tirão de resolver ainda outra questão relacionada com as suas finanças. Marco, o filho, havia escrito ao liberto, informando-o de que, depois do dia 1 de Abril, ou seja, um ano depois de ter ido para Atenas, ainda não havia recebido o dinheiro necessário à sua manutenção por mais um ano na Grécia. A primeira soma anual transferida para Atenas já tinha sido gasta, pelo que o jovem se encontrava numa embaraçosa situação financeira. O pai, comovido com o facto de Marco nada lhe ter contado, pediu a Ático que transferisse para Atenas a quantia necessária à manutenção do filho. Eros, o responsável por toda esta confusão, pagaria, por sua vez, a Ático este adiantamento, já que era ele quem havia recebido as rendas dos alugueres dos imóveis situados no Argileto e no Aventino (cf. *Att.* 15.17.1: *mercedes insularum*), destinados ao sustento de Marco Cícero. Para resolver este imbróglio, Cícero também enviou Tirão a Roma (cf. *Att.* 15.15.4).

<sup>62</sup> *Att.* 15.17.2, de 14 de Junho. Cf. *Att.* 15.20.4, de 20 de Junho.

<sup>63</sup> *Att.* 15.18.1, de 15 de Junho.

Tirão e Ático trabalhavam, aliás, em estreita colaboração um com o outro. O liberto funcionava como um mensageiro dos desejos e pareceres de cada um dos dois amigos. Cf. *Att.* 15.20.4; *Att.* 15.21.3, de 21 de Junho.

Aurélio<sup>65</sup> deveriam receber aquilo a que tinham direito. Tirão deveria convencer Flamínio Flama a pagar o que devia, ou, pelo menos, parte. O dinheiro que eventualmente conseguisse recuperar serviria, em primeiro lugar, para liquidar a última prestação da devolução do dote de Terência<sup>66</sup>:

*Mihi prora et puppis, ut Graecorum prouerbium est, fuit a me tui dimittendi ut rationes nostras explicares. Offilio et Aurelio utique satis fiat. A Flamma, si non potes omne, partem aliquam uelim extorqueas, in primisque ut expedita sit pensio Kal. Ian. De attributione conficies, de repraesentatione uidebis.*

«Para mim, a proa e a popa, como diz o provérbio grego, foi mandar-te para longe de mim no intuito de clarificares as minhas contas. Paguemos, de toda a maneira, a Ofílio e

---

<sup>64</sup> O epistológrafo e este notável jurista tinham co-herdado uma herança que o rico banqueiro M. Clúvio havia deixado. Ofílio e os restantes herdeiros da fortuna — César, representado por Balbo, e T. Hordeônio, negociante da Campânia — acordaram vender em hasta pública, logo que César regressasse, as propriedades da Campânia que haviam herdado, permitindo, desse modo, ao outro herdeiro, Cícero, adquirir aquela que ele então designava *horti Cluuiiani* e que, mais tarde, viria a ser o seu *Puteolanum* (cf. *Att.* 13.45.3 e 13.37a; *Att.* 13.46.3). A compra das partes legadas aos restantes co-herdeiros dos *horti Cluuiiani* tinha, portanto, deixado Cícero endividado. Para mais informações sobre esta herança, vide BEAUJEU (1980-1996) v. 8, 198 sq.; CARCOPINO (1947) v. 1, 176 sq..

<sup>65</sup> Montano, colega do jovem Marco Cícero em Atenas, tinha-se oferecido como fiador de 20.000 sestércios que um tal Flamínio Flama devia ao Estado. Lúcio Munácio Planco, que havia estado com César na Gália e na guerra civil, ao regressar da Hispânia, fora nomeado prefeito da cidade, cabendo-lhe, assim, o dever de cobrar a dívida. Cícero, que havia sido informado desta situação pelo cunhado de Montano, pediu a Ático que ajudasse o jovem, já que sentia ser seu dever auxiliar o colega do filho. O pai havia prometido ao filho que adiantaria a quantia (cf. *Att.* 12.52.1). Para tal, instruíra Eros, escravo de Ático responsável pela gestão das suas finanças, no sentido de pôr de parte esse dinheiro. Aquele, todavia, acabou por o não fazer, pelo que Aurélio, provável procurador de Montano, se viu na obrigação recorrer a um empréstimo com juros altíssimos (cf. *Att.* 16.15.5). Cícero assumiu, por isso, como seu o dever reembolsar Montano deste empréstimo. Para mais informação sobre este assunto, vide SHACKLETON BAILEY (1965-1970), v. 5, 341, notas 1, 2 e 3 ad *Att.* 12.52.1; SHACKLETON BAILEY (1999) v. 4, n. 1 ad *Att.* 12.52.1; SHACKLETON BAILEY (1977) v. 2, 491, n. 6 ad *Fam.* 16.24.1; BEAUJEU (1980-1996) v. 8, 248, n. 2 ad 129. Vide, ainda, *Att.* 14.16.4.

<sup>66</sup> Cf. BEAUJEU (1980-1996) v. 10, nota c ad loc.. Como afirma BOISSIER (1895, trad. 1986) 68, no primeiro dia de cada mês, Tirão encarregava-se de ir cobrar as dívidas aos devedores atrasados e de acalmar os credores demasiado exigentes. Cf. e. g. *Fam.* 16.19, de Julho (?) de 46, na qual se pode ler que Tirão foi a Roma para cobrar uma dívida contraída por um tal Aufídio.

Aurélio. Se não consegues arrancar de Flama a totalidade do montante, gostaria que lhe arrancasses uma parte e, em primeiro lugar, para que a prestação seja paga nas Calendas de Janeiro. Resolverás a questão da transferência da dívida e ajuizarás sobre o pagamento em dinheiro.»<sup>67</sup>

Tratadas as questões domésticas, pediu também a Tirão que o informasse sobre questões públicas que o preocupavam. Em troca, cedia-lhe outras informações:

*De domesticis rebus hactenus. De publicis omnia mihi certa, quid Octavius, quid Antonius, quae hominum opinio, quid futurum putes. Ego uix teneor quin accurram, sed litteras tuas exspecto. Et scito Balbum tum fuisse Aquini cum tibi est dictum et postridie Hirtium; puto utrumque ad aquas. Sed quod egerint.*

«Quanto a assuntos de natureza pública, conta-me tudo o que de facto aconteceu, o que se passa com Octaviano, com António, qual a opinião das pessoas, o que achas que vai acontecer. Eu mal consigo evitar ir a correr para Roma, mas espero carta tua. E fica sabendo que Balbo esteve em Aquino no dia em que to disseram e Hircio no dia seguinte; julgo que um e outro iam para as termas. Mas eles que façam o que quiserem.»<sup>68</sup>

Ao fechar a carta, porém, Cícero lembrou-se de um outro assunto de natureza privada — a devolução, por Dolabela, do dote de Túlia, sua filha. A delicadeza desta questão e a sua importância para o reequilíbrio das suas finanças exigiam, uma vez mais, a intervenção de Tirão<sup>69</sup>. Este deveria dar a conhecer aos representantes legais do cônsul que o seu ex-sogro tinha a intenção de recorrer aos tribunais para conseguir a devolução do referido dote. O liberto deveria também perguntar a Pápias, servidor de Dolabela<sup>70</sup>, pelo pagamento em questão, no intuito de pressionar ainda mais o ex-genro do patrono a devolver o que devia:

*Dolabellae procuratores fac ut admoneantur. Appelabis etiam Papiam.*

---

<sup>67</sup> *Fam.* 16.24.1, de meados de Novembro de 44. A questão da devolução do dote de Terência foi, por conseguinte, tratada por Tirão, em parceria com Ático. Cf. *Att.* 16.15.5, de Novembro de 44.

<sup>68</sup> *Fam.* 16.24.2.

<sup>69</sup> Cf. BOISSIER (1895, trad. 1986) 68: “Siempre que se ocurría alguna comisión delicada, se encomendaba a él, como por ejemplo, cuando se quería obtener algún dinero de Dolabela sin disgustarle mucho.”

<sup>70</sup> Cf. SHACKLETON BAILEY (1999) v. 3, nota 2 ad loc..

«Trata de que os procuradores de Dolabela sejam avisados.»<sup>71</sup>

As atribuições de Tirão podiam ser outras que não a administração das finanças de Cícero. O desvelo com que cuidava das questões mais importantes não o impedia de se ocupar de outros assuntos mais pequenos<sup>72</sup>. No final de 47, o liberto, que se sentira indisposto, ficou na *uilla* de Túsculo, em convalescença. Cícero, que entretanto deverá ter regressado a Roma, aproveitou a ocasião não apenas para lhe dar alguns conselhos de saúde<sup>73</sup>, mas também para lhe transmitir instruções precisas relativas à gestão dos jardins que faziam parte da propriedade. Ao que parece, estaria descontente com o seu jardineiro, um tal Paredro, que não produzia flores em quantidade suficiente. Na esperança de o estimular a produzir mais, ponderou a hipótese de arrendar o jardim. O preço do aluguer deveria ser sensivelmente superior ao que o anterior arrendatário — um malandro chamado Hélicon — teria pago, tendo em conta as obras de beneficiação entretanto efectuadas pelo senhorio. Tirão deveria incitar o jardineiro a produzir, como, em tempos, o próprio Cícero fizera, quiçá na casa do Palatino, com um certo Móton que, depois de instigado, passara a produzir flores em abundância:

*Parhedrum excita ut hortum ipse conducat; sic holitorem ipsum commouebis. Helico nequissimus HS ∞ dabat, nullo aprico horto, nullo emissario, nulla maceria, nulla casa. Iste nos tanta impensa derideat? Calface hominem, ut ego Mothonem; itaque abutor coronis.*

«Convence Paredro a alugar ele próprio o jardim; dessa forma impressionarás o próprio jardineiro. O tratante do Hélicon costumava pagar mil sestércios, quando não havia nenhum jardim soalheiro, nenhum canal de esgoto, nenhum muro, nenhum alpendre. Irá este

---

<sup>71</sup> *Fam.* 16.24.2.

<sup>72</sup> Cf. BOISSIER (1895, trad. 1986) 68; TREGGIARI (1969) 262.

<sup>73</sup> Como se de um médico se tratasse, Cícero recomendou-lhe uma série de terapias. Entre outras coisas, Tirão, tal como o seu *patronus* costumava fazer (cf. *Plu.*, *Cic.* 8.5), deveria aproveitar a sua estada em Túsculo para se entregar às massagens e fazer pequenas caminhadas: *Tibi διαφόρησιν gaudeo profuisse; si uero etiam Tusculum, di boni, quanto mihi illud erit amabilius! Sed si me amas, quod quidem aut facias aut perbelle simulas, quod tamen in modum procedit — sed, ut<ut> est, indulge ualetudini tuae; cui quidem tu adhuc, dum mihi deseruis, seruisti non satis. Ea quid postulet non ignoras: πέψιν, ἀκοπίαν, περιπάτον σύμμετρον, τρῖψιν, ἐὺλυσίαν κοιλίας. Fac bellus reuertare, <ut> non modo te sed etiam Tusculanum nostrum plus amem. (*Fam.* 16.18.1).*

tipo, depois de tamanha despesa, fazer troça de nós? Pressiona o fulano, como eu fiz com Móton; em consequência disso, desperdiço coroas de flores»<sup>74</sup>

Tirão responsabilizou-se ainda pela realização de outra tarefa: indexar os livros da biblioteca de Túsculo. Para tal, pediu a Cícero— ao que parece, com alguma insistência — que procedesse ao envio de alguns volumes que iriam completar a já riquíssima biblioteca. Em tom jocoso, aquele prometeu enviar-lhos assim que o tempo ficasse bom:

*Horologium mittam et libros, si erit sudum. Sed tu nullosne tecum libellos? An pangis aliquid Sophocleum? Fac opus appareat.*

«Enviarei o relógio de sol e os livros se o céu estiver limpo. Mas tu não tens nenhuns livritos contigo? Ou estás a escrever algo à maneira de Sófocles? Faz por que a obra venha à luz do dia.»<sup>75</sup>

---

<sup>74</sup> *Fam.* 16.18.2. Para a interpretação deste passo, seguimos a lição de SHACKLETON BAILEY (1977) v. 2, 386, nota 1 ad loc). BEAUJEU (1980-1996) v. 11, 209 sq., *Notice ad Fam.* 16.18) reconhece que o texto é pouco claro, mas considera vesorímil a exegese de Bailey. Segundo o crítico, ficam, todavia, por explicar a utilização de *ipse* antes de *conducat* e *ipsum* antes de *commouebis*. No entender do autor, para que possamos compreender melhor o texto, bastará aduzirmos à explicação apresentada por Bailey a seguinte hipótese: Paredro seria já o jardineiro da propriedade, mas Cícero queria que ele se tornasse também o arrendatário (feitor) dos jardins.

Pouco tempo depois, Cícero voltaria a solicitar a intervenção de Tirão nesta questão. Cf. *Fam.* 16.20.

<sup>75</sup> *Fam.* 16.18.3.

Baseados na leitura deste passo, alguns críticos admitem a hipótese de Tirão ter pretendido escrever versos em estilo sofocleano, e que, por essa razão, teria pedido ao patrão que lhe enviasse alguns livros inspiradores (cf. TREGGIARI (1969) 262). A maioria, porém, considera que a referência de Cícero ao estilo sofocleano não passa de uma piada: “Probably a joke. The books were to be sent for Cicero’s library at Tusculum. Tiro may be supposed to have kept reminding him to send them, so Cicero pretends to think that Tiro wanted them for his own reading.” (SHACKLETON BAILEY (2001) v. 2, nota 4 ad loc.); “Passage fort obscur: en le reprochant de la lettre suivante, on peut imaginer que Tiron avait réclaté à Cicéron l’envoi de livres destinés à étre rangés dans la bibliothèque du *Tusculanum*; « *sed tu nullosne tecum libellos?* » semble recéler une double plaisanterie: Cicéron feint de croire que Tiron a réclaté les livres pour sa distraction personnelle et d’oublier qu’il dispose de la riche bibliothèque du *Tusculanum*; « *an pangis aliquid Sophocleum?* » cette nouvelle plaisanterie, dans le prolongement de la précédente, suppose que les ouvrages envoyés contenaient des tragedies.” (BEAUJEU (1980-1996) v. 11, 244, nota 3 ad 210).

Dias depois, Cícero pediria a Tirão que deixasse a indexação dos livros para quando estivesse totalmente recuperado; deveria atender aos conselhos do seu médico, Metrodoro. Cf. *Fam.* 16.20.

Por vezes, o liberto preparava jantares de recepção e, na ausência do patrono, assumia o papel de anfitrião da casa, recebendo e entretendo os amigos de Cícero. No verão de 46, este pediu-lhe que recebesse Tércia<sup>76</sup> e Demétrio<sup>77</sup>. Depois do encontro com este último, Tirão deveria contar ao *patronus* o tema da conversa mantida com o convidado, para que ele pudesse ter o que ler e escrever:

*De triclinio cura, ut facis. Tertia aderit, modo ne Publi<li>us rogatus sit. Demetrius ipse iste numquam omnino Phalereus fuit, sed nunc plane Bellienus est. Itaque te do uicarium; tu eum obseruabis. 'Etsi —, 'uero tamen —, 'de illis —'; nosti cetera. Sed tamen, si quem cum eo sermonem habueris, scribes ad me, ut mihi nascatur epistulae argumentum et ut tuas quam longissimas litteras legam.*

«Trata da sala de jantar, como estás a fazer. Tércia comparecerá, desde que Publílio não tenha sido convidado. Esse Demétrio nunca foi, na verdade, o Falereu, mas agora é um completo Belieno! Por essa razão nomeio-te meu representante; mostrar-lhe-ás cortesia. “Ainda que...”, “no entanto...”, “em relação àquilo...” — conheces o que se segue. No entanto, se mantiveres alguma conversa com ele, escrever-mo-ás, para que me ocorra um tema para uma carta e possa ler uma tua o mais extensa possível.»<sup>78</sup>

---

<sup>76</sup> Cf. SHACKLETON BAILEY (1977) v. 2, nota 2 ad loc.: “(Junia) Tertia may have been a friend of Terentia’s, whose divorce had probably gone through early in 46. The conjecture Terentia (Boehm) is doubtful at best, especially as Cicero and his ex-wife were not on good terms”; BEAUJEU (1980-1996) v. 7, 280, nota 2 ad 50: “Au dîner que Tiron est chargé de préparer sera invitée Junia Tertia, demi-soeur de M. Brutus, mariée à Cassius Longinus (cf. CARCOPINO (1947) v. 2, 130 sq.); on ne sait pourquoi elle était en mauvais termes avec Publilius, proche parent de la jeune Publilia, que Cicéron devait épouser à la fin de l’année (...).”

<sup>77</sup> Cícero diz que este Demétrio nunca foi um Demétrio de Faleros, isto é, um homem educado e de boas maneiras, qualidades pelas quais o verdadeiro Demétrio de Faleros foi celebrado. Cf. SHACKLETON BAILEY (2001) v. 2, nota 3 ad loc.; BEAUJEU (1980-1996) v. 7, 280, nota 3 ad 50), que afirma: “Ce Belliénus Démétrius, mentionné dans la lettre précédente et dans la suivante, était apparemment un rustre, tout le contraire de Démétrius de Phalère, gouverneur d’Athènes de 317 à 307, dont Cicéron admirait la culture raffinée (cf. *Brut.* 37; *De orat.* 2.95; *Or.* 172).”

<sup>78</sup> *Fam.* 16.22.2-3, de Julho (?) de 46.

Neste passo, encontramos reproduzidos os tiques de expressão de Demétrio. Cf. BEAUJEU (1980-1996) v. 7, 280, nota 4 ad 50: “Cicéron s’amuse, semble-t-il, à reproduire dès tics d’expression de Démétrius; le *sed tamen* qui suite en fait sans doute encore partie.”



Marco Túlio Tirão não servia exclusivamente o seu patrono. O filho de Cícero, pelo menos enquanto dependeu do *paterfamilias*, recorreu também aos serviços do liberto. No verão de 44, enquanto estudante em Atenas, o jovem Marco pediu-lhe por carta que tratasse de lhe encontrar um *librarius* grego que pudesse ajudá-lo a tirar apontamentos:

*De mandatis quod tibi curae fuit est mihi gratum. Sed peto a te ut quam celerrime mihi librarius mittatur, maxime quidem Graecus. Multum enim mihi eripitur operae in exscribendis hypomnematis.*

«Estou-te grato por te teres ocupado dos meus pedidos. Peço-te, todavia, que me seja enviado o mais depressa possível um copista, especialmente um que seja Grego. Perco, de facto, muito tempo a copiar as minhas notas.»<sup>79</sup>

Este dinâmico e polivalente funcionário, apesar de assumir o cumprimento de tantas e diversificadas tarefas, conseguia ter algum tempo para satisfazer interesses e gostos pessoais<sup>80</sup>. Ao contrário do patrono, gostava de assistir aos jogos. No outono de 47, Cícero, que ansiava pelo regresso dele a Roma, mas, ao mesmo tempo, conhecedor das suas preferências, sugeriu-lhe que regressasse à Urbe após assistir aos combates de gladiadores que iriam ter lugar em Túsculo:

*Tu potes Kalendis spectare gladiatores, postridie redire, et ita censeo; uerum ut uidebitur.*

«Podes assistir aos gladiadores nas Calendas<sup>81</sup> e regressar no dia seguinte; assim te aconselho, mas faz como te parecer melhor.»<sup>82</sup>

Tirão tinha também os seus próprios negócios para gerir. Em meados de 44, depois de ter manifestado o desejo de reencontrar o funcionário e amigo — só depois de o rever é

---

<sup>79</sup> *Fam.* 16.21.8, de Agosto (?) de 44.

<sup>80</sup> Vide TREGGIARI (1969) 262.

<sup>81</sup> Isto é, no primeiro dia do mês. A celebração das Calendas não costumava incluir *munus gladiatorum* (“jogos de gladiadores”); neste caso, trata-se, possivelmente, de jogos fúnebres oferecidos a título privado por ocasião das exéquias de alguém com grande projecção social. Afinal, o dinâmico e polivalente funcionário, apesar de assumir o cumprimento de tantas e diversificadas tarefas, conseguia ter algum tempo para satisfazer desejos e gostos pessoais. Ao contrário do patrono, Tirão gostava de assistir aos jogos.

<sup>82</sup> *Fam.* 16.20.

que iria escrever a Marco António — Cícero ressaltou que, apesar disso, não pretendia afastá-lo dos seus compromissos pessoais. O liberto estaria então a negociar a compra de uma propriedade no campo<sup>83</sup>:

*Ego tamen Antoni inueteratam sine ulla offensione amicitiam retinere sane uolo scribamque ad eum, sed non ante quam te uidero. Nec tamen te auoco a syngrapha.*

«Seja como for, eu quero mesmo manter a amizade antiga que mantenho com António sem nenhuma beliscadura, e vou escrever-lhe, mas não sem antes te ter visto. Não pretendo, todavia, desviar-te das tuas obrigações.»<sup>84</sup>

As negociações deram fruto. Em pleno verão desse ano, o jovem Marco felicitá-lo-ia pela aquisição de uma propriedade<sup>85</sup>. Imaginando-o já no papel de proprietário rural, lamentou não ter estado presente para o ajudar. Sabendo, porém, que Tirão adquirira a propriedade na perspectiva de vir a partilhá-la com a família do patrono, prometeu ajudá-lo no futuro:

*Excusationem angustiarum tui temporis accipio; scio enim quam soleas esse occupatus. Emisse te praedium uehementer gaudeo feliciterque tibi rem istam euenire cupio. Hoc loco me tibi gratulari noli mirari; eodem enim fere loco tu quoque emisse te fecisti me certiozem. Habes! Deponendae tibi sunt urbanitates; rusticus Romanus factus es. Quo modo ego mihi nunc ante oculos tuum iucundissimum conspectum propono! Videor enim uidere*

---

<sup>83</sup> Seguimos a lição de BEAUJEU (1980-1996) v. 9, 280, nota 1 ad 176: “Tiron était apparemment en train de négocier un engagement financier pour son compte, probablement l’achat d’une propriété à la campagne (...)” SHACKLETON BAILEY (2001) v. 3, nota 5 ad loc., é mais vago na interpretação deste passo: “Some private business of Tiro.” A propósito, TREGGIARI (1969) 104 afirma: “freedmen also undertook ventures on their own account, as we know from the literary sources.”

<sup>84</sup> *Fam.* 16.23.2, de finais de Maio (?) de 44.

<sup>85</sup> Esta propriedade será, provavelmente, a que S. Jerónimo terá mencionado e situado perto de Putéolos (apud Euseb. *Chron.* Olympiad 194). Cf. TREGGIARI (1969) 262: “probably that near Puteoli mentioned by Jerome, which would have been near the *Academia*.” Apesar de não existirem quaisquer referências a algum tipo de remuneração pelos serviços prestados, Tirão tinha as suas poupanças. Cf. TREGGIARI (1969) 146 sq.: “Professional men like Tiro, living with their patron and working when there was work to be done may have had a more casual type of remuneration and of course their keep. Nothing as sordid as a salary is ever mentioned in Cicero’s letters, but Tiro had money, for he was able to buy a country estate and we know that Cicero authorized him to draw on his agents for funds.”

*ementem te rusticas res, cum uilico loquentem, in lacinia seruantem ex mensa secunda semina. Sed, quod ad rem pertinet, me tum tibi defuisse aequae ac tu doleo. Sed noli dubitare, mi Tiro, quin te subleuaturus sim, si modo Fortuna me, praesertim cum sciam communem nobis emptum esse istum fundum.*

«Aceito as desculpas da tua falta de tempo, pois sei o quanto costumavas andar ocupado. Estou imensamente feliz por teres comprado uma propriedade rural e desejo que este investimento te corra bem. Não te admires por te felicitar nesta parte da minha carta; com efeito, foi sensivelmente na mesma parte da tua que tu também me informaste que tinhas feito a compra. És proprietário rural! Tens de pôr de parte as maneiras urbanas; tornaste-te um camponês romano! Como imagino essa tão agradável visão de ti! Parece, de facto, que te estou a ver a comprar os produtos do campo, a falar com o feitor, a guardares, à sobremesa, na bainha da roupa, as sementes. No que a isso diz respeito, lamento, porém, tanto quanto tu, não te ter ajudado nesse momento. Mas não tenhas dúvidas, meu querido Tirão, de que te vou ajudar — se entretanto a Fortuna mo permitir —, sobretudo porque sei que essa propriedade foi comprada como um bem comum para nós.»<sup>86</sup>

Não nos chegou qualquer carta escrita por Tirão aos *Cicerones*, é certo, mas as respostas por eles enviadas, como esta, às missivas do liberto são suficientemente esclarecedoras da existência de um relacionamento afectuoso<sup>87</sup>, pautado pela confiança recíproca.

A dedicação de Tirão não se limitou, porém, aos anos durante os quais privou com Cícero. Mesmo depois da morte do estadista manteve-se fiel à sua memória. Durante o longo período de vida que lhe restou<sup>88</sup>, o secretário pessoal e amigo íntimo do

---

<sup>86</sup> *Fam.* 16.21.7, de Agosto (?) de 44.

<sup>87</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 219.

<sup>88</sup> Tirão terá vivido cerca de cem anos. Como bem recorda TREGGIARI (1969) 260, S. Jerónimo (apud Euseb., *Chron.* 194 Olympiad), no ano 4, deixou a seguinte nota: *M Tullius Tiro (...) in Puteolano praedio usque ad centesimum annum consenescit*. GROEBE (*RE* 8 A. 2.1319), considerando que na afirmação do autor estaria implícito que Tirão havia falecido no ano 4 d. C., apontou o ano 103 como a data provável do nascimento do liberto. TREGGIARI (loc. cit.), porém, partindo de uma nova interpretação, e baseando-se noutros indícios, julga poder afirmar que Tirão terá nascido alguns anos mais tarde: “I think that Jerome will either have to be desbelieved or interpreted as meaning something other than that Tiro died in 4 B.C. ‘Consenescit’ could mean retirement rather than death in that year.” De facto, na opinião da autora, se Tirão tivesse nascido em 103, teria sido apenas três anos mais novo do que Cícero (que nasceu no ano 106. Cf. *Cic., Brut.* 161; *Gel.* 15.28.3) “and the whole tone of their relationship seems to have been against this.” Como recorda TREGGIARI (loc. cit.), Aulo Gélío (13.9.1, cf. 6.3.8) descreveu Tirão como *alumnus* de

epistológrafo tomou a seu cargo a organização de alguma da sua correspondência. A ele se deve a publicação, em volumes separados, das cartas que Cícero escreveu a outros correspondentes que não Ático<sup>89</sup>. Conforme referimos anteriormente, ainda em vida do patrono, o liberto terá iniciado a preparação de uma edição dessa correspondência<sup>90</sup>. Sabemos que guardava religiosamente cópia das cartas que Cícero dirigia *ad Familiares*<sup>91</sup> e que, baseado nos nomes dos diferentes destinatários, se encarregou de as reunir em diferentes *uolumina*<sup>92</sup>. A publicação terá acabado por acontecer após a morte do antigo patrono, no tempo de Augusto. A primeira citação de uma carta *ad Familiares* terá sido feita por Séneca *maior*<sup>93</sup>.

---

Cícero, e o próprio Cícero, no ano 50, chamou-lhe *adulescens* (*Att.* 6.7.2; 7.2.3), o que não faria sentido, se Tirão contasse, nessa altura, cinquenta e três anos. Acrescenta ainda a autora que, a acreditar que a manumissão ocorreu no ano 54 ou 53, o escravo, se tivesse efectivamente nascido no ano 103, não teria conseguido alcançar a liberdade antes de atingir os cinquenta anos, o que, na realidade, parece muito improvável (cf. Cic., *Phil.* 8.32). Note-se que a idade mínima estabelecida pela *Lex Aelia Sentia* para que um escravo pudesse alcançar a liberdade era trinta anos (cf. Gaius, *Inst.* 1.18-19), sendo que, em circunstâncias especiais, esta fasquia poderia até baixar (cf. DIXON (1992) 54; TREGGIARI (1969) 15 e n. 10).

<sup>89</sup> Cf. CONSTANS (2002) v. 1, 12-13; HUTCHINSON (1998) 4, nota 4; SHACKLETON BAILEY (2001) v. 1, 2.

<sup>90</sup> Cf. TREGGIARI (1969) 262.

<sup>91</sup> Cf. *Att.* 13.6.3, de 3 de Junho (?) de 45; cf. supra *Att.* 16.5.5.

<sup>92</sup> Cf. *Fam.* 16.17.1, de Julho (?) de 46. Vide também CUGUSI (1983) 172. Segundo este autor, sinal evidente da intervenção de Tirão na divulgação das cartas *ad Familiares* parece ser o facto de as *epistulae* do Livro XVI — com excepção da número 16, que toma, todavia, por objecto, o próprio Tirão — serem todas endereçadas ao liberto. Este poderá ter sido coadjuvado nesta tarefa pelo filho de Cícero.

<sup>93</sup> Cf. Sen., *Suas.* 1.5, em que se faz uma citação de *Fam.* 15.19.4. A respeito da data de publicação, vide SHACKLETON BAILEY (2001) v. 1, 2, onde se pode ler: “Evidence suggests that they were arranged and published separately or in groups during the Augustan period by a single editor, who was in all probability Cicero’s faithful secretary, Tiro.” CUGUSI afirma que a publicação das cartas *ad Familiares* poderá ter ocorrido pouco tempo depois da morte de Cícero, sob direcção de Tirão: “La raccolta potrebbe essere stata allestita, poco dopo la morte di Cicerone, da quel Tirone, che aveva già avviato una silloge di epistole del *patronus* ancora in vita (*Att.* 16.5.5 *cit.*) e che aveva intenzione di curare una raccolta di sue proprie lettere (o di inserire sue lettere tra quelle ciceroniane?), come si legge in *Fam.* 16.17.1.” O mesmo estudioso admite ainda a hipótese de os Livros X, XI e XII terem sido publicados antes do ano 32, mas, ao mesmo tempo, diz também não existirem elementos suficientes que possam confirmar a hipótese aventada por outros de que alguns dos volumes da colectânea *ad Familiares* teriam sido publicados ainda em vida de Cícero. Seguro é

Tirão deverá ser o responsável pela organização de outras colectâneas de cartas — dedicadas a outros correspondentes individuais, como César, Pompeio e Octaviano — que terão existido na Antiguidade, mas que não chegaram até aos nossos dias, bem como das que ainda hoje se conservam, dedicadas a Quinto Cícero e a Marco Bruto<sup>94</sup>.

A ele se ficou igualmente a dever a edição de outras obras de Cícero<sup>95</sup> — incluindo o discurso *In Verrem* e o tratado *De Gloria*<sup>96</sup> —, a compilação dos seus *Ioci* em três volumes<sup>97</sup> e a composição de uma biografia do patrono, que se julga ter sido uma das fontes usadas e respeitadas por Tácito e Plutarco<sup>98</sup>.

O liberto destacou-se ainda como gramático e crítico literário; alguns dos seus trabalhos sobre estilo e sintaxe latinas e outras questões de índole variada, as suas *Pandectae*, bem como algumas cartas que escreveu sobre questões literárias foram objecto constante de referência nas *Noctes Atticae* de Aulo Gélio<sup>99</sup>. A leitura destas obras permitir-nos-ia ficar a conhecer um pouco mais da inteligência e do engenho deste liberto, mas nenhuma chegou até nós.

Até nós chegou, felizmente, o precioso testemunho das *epistulae* ciceronianas. A correspondência trocada entre Marco Túlio Cícero e Tirão revela que o Arpinate esteve presente nos melhores e piores momentos da vida do liberto<sup>100</sup> e que Tirão, por sua vez,

---

que Séneca *maior*, bem como Quintiliano (cf. *Inst.* 8.3.35, em que se cita o passo *Fam.* 3.8.3) citaram passos das cartas. Cf. CUGUSI (1983) 172.

<sup>94</sup> Cf. SHACKLETON BAILEY (2001) v.1, 2.

<sup>95</sup> Como bem recorda TREGGIARI (1969) 262 sq..

<sup>96</sup> Cf. *Quint.*, *Inst.* 10.7.31; *Gel.* 1.7.1; 15.6.1-3.

<sup>97</sup> Cf. *Macr.* 2.1.12; *Quint.*, *Inst.* 6.3.5.

<sup>98</sup> Cf. e. g. *Tac.*, *Dial.* 17.2; *Plu.*, *Cic.* 41.4; 49.4. Aulo Gélio terá igualmente baseado nesta obra o relato que fez do procedimento de César no Senado no ano 59 (cf. 4.10.6). Sobre a publicação, a título póstumo, destas obras, vide leia-se ainda BOISSIER (1895, trad. 1986) 69, onde, a este respeito, se conclui: “Eran éstos indudablemente los servicios que Cicerón, tan celoso de su gloria literaria, habría agradecido más a su fiel liberto.”

<sup>99</sup> É TREGGIARI (1969) 263 que no-lo recorda, remetendo-nos para a leitura de *Gel.* 13.9, maxime, 1-3; 6.3.8; 6.3.9-11 (acerca de uma carta ao amigo de Cícero Q. Áxio); 10.1.7.

<sup>100</sup> Segundo TREGGIARI (1969) 219, nas ocasiões em que Tirão ficou doente, Cícero dedicou-lhe a maior das atenções e nunca lhe negou o apoio monetário, os médicos e os acompanhantes indispensáveis à sua total recuperação (cf. e. g. *Fam.* 16.4; 16.5; 16.15.). Interessou-se pelos seus negócios pessoais e confiou-lhe segredos pessoais e políticos (cf. e. g. *Fam.* 16.23.2).

que consagrou toda a sua vida ao serviço do seu manumissor<sup>101</sup>, retribuiu o carinho recebido com uma incansável dedicação. Treinado e incentivado a elevar ao expoente máximo as suas capacidades<sup>102</sup>, granjeou conquistar a confiança e a admiração de um homem de incontestável prestígio. Como recompensa pelos *innumerabilia officia* prestados, tornou-se presença constante e imprescindível na vida dos *Cicerones*, e a sua carreira ao serviço e no seio desta família acabaria por proporcionar, como alguém afirmou, um dos melhores pretextos para a instituição da escravatura e da manumissão<sup>103</sup>.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA:

BAYET, J. (2002), *Cicéron. Correspondance* (vol. 5), Paris, Les Belles Lettres.

BEAUJEU, J. (1980-1996), *Cicéron. Correspondance* (vols. 6-11), Paris, Les Belles Lettres.

BOISSIER, G. (1865, trad. 1986), *Cicerón y sus amigos. Estudio de la sociedad romana del tiempo de César*, Buenos Aires.

BRADLEY, K. R. (1991), *Discovering The Roman Family*, Oxford, Oxford University Press.

CARCOPINO, J. (1947), *Les Secrets de la Correspondance de Cicéron* (Paris), vols. 1 e 2.

CONSTANS, L.-A. (2002), *Cicéron. Correspondance* (vols. 1-3), Paris, Les Belles Lettres.

CONSTANS, L.-A. ET BAYET, J. (2002), *Cicéron. Correspondance* (vol. 4), Paris, Les Belles Lettres.

---

<sup>101</sup> Ao que se sabe, Tirão nunca casou. Cf. TREGGIARI (1969) 214: “Among all the *liberti* of Cicero known to us, we hear of none who were married and had children. Tiro was obviously a bachelor.” O casamento parece, aliás, ter sido raro entre os libertos, ou, então, era adiado para uma fase mais tardia da vida, como acontecia com os homens livres (cf. TREGGIARI (1969) loc. cit.).

<sup>102</sup> TREGGIARI (1969) 263

<sup>103</sup> Idem, *ibidem*.

- CUGUSI, P. (1983), *Evoluzione e Forme dell'Epistolografia Latina: nella tarda repubblica e nei primi due secoli dell'impero; con cenni sull'epistolografia preciceroniana*, Roma, Herder.
- DIXON, S. (1992), *The Roman Family* (Baltimore).
- FERREIRA, P. S. (1999), "Cícero e a escravatura", *Boletim de Estudos Clássicos* 31, 95-107.
- HUTCHINSON, G. O. (1998), *Cicero's Correspondence. A Literary Study* (Oxford).
- OLIVEIRA, E. M. R. (2006), *As epistulae de Cícero: um olhar sobre a família*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Departamento de Línguas e Culturas (reprodução policopiada – dissertação de doutoramento).
- RAWSON, B. M. (1986), "The Roman Family" (1986), in B. M. Rawson (ed.) (1986), *The Family in Ancient Rome: New Perspectives*, London, Croom Helm.
- SHACKLETON BAILEY, D. R. (1965-1970) *Cicero's Letters to Atticus* (vols. 1-7), Cambridge, Cambridge University Press.
- (1977), *Cicero. Epistulae ad Familiares* (vols. 1-2), Cambridge, Cambridge University Press.
- (1999), *Cicero. Letters to Atticus* (vols. 1-4), Cambridge, Harvard University Press.
- (2001), *Cicero. Letters to Friends* (vols. 1-3), Cambridge, Harvard University Press.
- (2002), *Cicero. Letters to Quintus and Brutus. Letter Fragments. Letter to Octavian. Invectives. Handbook of Electioneering*, Cambridge, Harvard University Press.
- TREGGIARI, S. (1969), *Roman Freedmen During the Late Republic*, Oxford, Clarendon Press.